

## **CONSIDERAÇÕES SOBRE O TRABALHO COM CRIANÇAS EM RISCO PSÍQUICO NA PRIMEIRA INFÂNCIA**

**Andrea Filipini Rodrigues Lauermann**

Palavras Chave: infância, TEA, linguagem

A saúde mental infantil dos últimos tempos enfrenta o desafio da nova classificação do DSM IV, no que tange ao diagnóstico do grande guarda-chuva do transtorno do espectro autista, que basicamente, é definido pela dificuldade de comunicação por deficiência no domínio da linguagem e no uso de jogos simbólicos; dificuldade de socialização e padrão de comportamento restritivo e repetitivo. Este diagnóstico apavora as famílias nas consultas médicas, que em geral, são realizadas em tempo curtíssimo, onde a última palavra a ressoar no ambiente é autismo. Crianças muito pequenas a partir de 1 ano chegam nas clínicas particulares e instituições de atendimento a PCD, com o crachá de autista, muitas pesquisas Google e principalmente a quebra e/ou rompimento da relação cuidador/criança. Os diálogos, carinhos e as trocas de olhares são trocados por observações minuciosas e atentas que preenchem o check list dos sintomas relatados pelo Google. A criança não é mais uma criança ativa, birrenta, que não gosta de beijo e nem de feijão, agora ela tem TEA e seletividade alimentar. Doravante, os diagnósticos nos primeiros anos de vida, contribuem para que o tratamento seja iniciado tão logo quanto diagnosticado, para que o quadro se reverta ou traga melhor qualidade de vida para a criança e sua família. Seria um modelo ideal, desde que houvesse a compreensão deste complexo diagnóstico e atendimento especializado para todos como política pública. A partir desta reflexão, apresento um caso de diagnóstico precoce de TEA, aos 2 anos e 6m de idade, com reversão do quadro em 9 meses de trabalho com a criança e a família. O trabalho foi baseado no resgate da relação cuidador/criança, utilizando como estratégia principal o brincar sob o olhar psicanalítico. A cena analítica se constitui com a criança, terapeuta e cuidador responsável, usando como ferramenta o brincar, estimulando o jogo simbólico e a troca comunicativa. A comunicação simbólica valorizada e transcrita pela terapeuta aos cuidadores restabelece o diálogo mesmo sem palavras. Este é o trabalho de atendimento a crianças muito pequenas (0 a 3 anos) com risco ou diagnóstico de TEA, no denominado Projeto Cegonha do Instituto Lucas Amoroso.